

A CANÇÃO DE ROLANDO E O CÍCLO DA CANA-DE-AÇÚCAR: DOS USOS DA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA OFICIAL¹

Christine Rufino Dabat²

Resumo

A literatura dialoga com a história de diversas maneiras. Está presente, às vezes com força, como fonte de identidade. Este uso peculiar pode ser investigado por meio de um exercício comparativo entre duas obras famosas, a *Canção de Rolando* e o *Ciclo da Cana-de-Açúcar* de José Lins do Rego, ambas oferecidas como leitura no âmbito escolar.

Palavras-chave: História e literatura; identidade; ensino da história.

Abstract

In many ways may literature dialogue with history. It is sometimes present as source of identity. This peculiar use might be investigated through a comparative approach of two famous works: *Song of Roland* and the *Sugar Cane Cycle* by José Lins do Rego, both offered as formative reading in schools.

Keywords: History and literature; identity; teaching history.

*A literatura, inclusive a ficção, pode ensinar-nos algo sobre a sociedade em que foi produzida e sobre o público ao qual se dirigia. A evidência literária pode ser extremamente valiosa, sobretudo se não existirem ou se forem poucas as evidências semelhantes, como é obviamente o caso da Ilíada e da Odisséia.*³

Virtuoso no uso de escritos literários em seus livros, Carlo Guinzburg justifica-o, advertindo, no entanto, contra certos abusos devidos talvez ao encanto provocado por tal fonte sobre autores avessos aos métodos clássicos da historiografia:

“Ao lidar com tais poemas ou com qualquer outra obra de ficção, não devemos esquecer que **não** estamos diante de uma descrição literal de uma sociedade real: são construções que atendem a um propósito determinado, que obedecem a certos códigos e assim por diante.”⁴

¹ Texto redigido a partir de uma comunicação feita na mesa redonda “Sociedade e Cultura” durante o III Encontro Cultura e Memória, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Recife, CFCH, 07.12.2007.

² Professora no Departamento de História da UFPE.

³ GUINZBURG, Carlo. Entrevista concedida a Jean Marcel Carvalho França, “O Historiador globalizado”. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 1º de setembro de 2002, p. 6.

⁴ “Isso, todavia, pode ser dito sobre qualquer tipo de evidência, incluindo os inventários notariais ou os levantamentos estatísticos. Nenhum desses documentos é objetivo de uma

A longa freqüentação de tais fontes oferece aos estudiosos e eruditos informações, pistas, elementos analíticos etc. Contudo, a tentativa aqui proposta é diferente: algo como um esboço comparativo parcial que toma um poema e romances como materiais. Pois as obras literárias têm outra interface com a disciplina histórica. Ou melhor dizer, atribuem outra tarefa ao historiador. Podem fazer parte da história mesma, no sentido de definir-lhe os contornos para o grande público, ao desenhar o perfil mais difundido do passado de dado grupo, região ou país. Obras literárias constroem assim narrativas de cunho ou efeito identitário. Como a *Ilíada* e *Odisséia*, podem participar da leitura dominante da formação de uma sociedade, conferindo-lhe relevo e sentido. As duas obras aqui evocadas foram justamente comparadas aos poemas de Homero, o que poderia constituir um primeiro ponto de contato.

De que serve a literatura para o historiador? – adotando a famosa fórmula de Yves Lacoste dirigida à Geografia, cuja resposta lapidar é: a fazer a guerra. No presente caso, poder-se-ia dizer: a literatura serve (também) a construir a História oficial, não apenas em termos nacionais – traço geralmente mais aparente – mas também de classe.

Os dois exemplos escolhidos para ilustrar esta proposição são muito distantes tanto em termos geográficos quanto cronológicos, tornando o exercício arriscado:⁵ *Canção de Rolando*,⁶ poema épico anônimo do século X, promovido a marco de identidade francesa no final do século XIX. E o *Ciclo da Cana-de-Açúcar* de José Lins do Rego cuja publicação, começada em 1932, continuou no decênio subsequente, ao longo de seis romances em parte autobiográficos. Foi considerada rapidamente como incorporando a própria identidade regional do Nordeste canavieiro.

Embora perigosa e necessariamente limitada a alguns aspectos, tal comparação talvez evidencie seus usos, efeitos, impactos e eventualmente as intenções que presidiram a sua divulgação, sobretudo no meio escolar e, portanto, na cultura histórica básica da população como um todo. Ao delinear

maneira simples, neutra, mas todos podem ser utilizados na construção de uma imagem crítica (objetiva) de uma dada sociedade.” Ele recomenda aprender “o código que norteou a construção da evidência. De outro modo, corremos o risco de ler a evidência – um romance ou um levantamento estatístico – de uma maneira impressionista, superficial.” “O Historiador globalizado”. Op. cit., p. 6.

⁵ Confortem, no entanto, exemplos ilustres, como Antonio Candido. Na dedicatória da edição de *A demanda do Santo Graal*, que prefaceou, Heitor Megale escreve: “para marcar a lembrança do curso de teoria literária e literatura comparada, de 1967, quando, tratando do tema ‘realidade e irrealidade na ficção’, trabalhou A demanda do Santo Graal no primeiro semestre e, no segundo, os romances do ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego.” *A demanda do Santo Graal*. Org. e atualização do português Heitor Megale. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 5.

⁶ Nome dado pelos românticos. PAUPHILET, Albert. “Notice. La Chanson de Roland”. In: PAUPHILET, Albert, Ed. *Poètes et romanciers du Moyen Age*. Paris: NRF Pleiade, 1952, p. 11. Tradução da autora, assim como os demais trechos publicados em francês.

alguns pontos que estas obras literárias têm em comum, pretende-se revelar um parentesco no amplo uso histórico que lhe foi atribuído.

As obras

Canção de gesta⁷ escrita no final do século X, a *Canção de Rolando* é tida de autoria desconhecida.⁸ Dividida em quatro partes,⁹ ela retrata eventos de 778 quando, no desfiladeiro de Roncesvales, nos Pirineus ocidentais, a retaguarda do exército de Carlos Magno, voltando de uma expedição na Península Ibérica, foi emboscada, por meio de uma traição, por forças reputadas sarracenas. Continuam até hoje os debates acerca de sua origem.¹⁰

Embora o sucesso, entre outros, da obra de Arioste *Orlando Furioso*¹¹ tenha mantido o mito de Rolando vivo por séculos, a publicação da própria canção, na França, só ocorreu em 1837 por Francisque Michel.¹² Sua grande divulgação em versões traduzidas em francês moderno começou no final do século XIX. As autoridades da Terceira República a promoveram numa época em que tanto a derrota de 1870 quanto a implantação do ensino laico, público, gratuito e obrigatório tornavam a homogeneização da nação francesa por meio da língua, mas também de certa visão da história nacional, objetivos mais do que políticos, propriamente estratégicos.

Os pais da República, nas pessoas de Ernest Lavisse e Jules Ferry, por exemplo, escolheram o perfil a ser dado ao ensino básico, para fomentar algo como o que Georges Duby chamou de ‘cimento social’,¹³ numa França ainda

⁷ *Gesta*, explique Pierre Jonin, indica “as coisas feitas e portanto dignas de serem contadas”. “Introdução”. In: *A Canção de Rolando*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. VIII. Ver no presente *Caderno*, o artigo de Lucas Bittencourt: “Literatura Épica e História”.

⁸ Redigida em dialeto anglo-normando por um escritor único, embora persista o debate sobre a identificação de Turolfus que assine o mais antigo manuscrito dito de Oxford: copista ou propriamente autor, ou ainda jogral?

⁹ A traição; a batalha; o castigo dos inimigos pagãos; a punição do traidor.

¹⁰ Teorias diversas atribuem origens populares (G. Paris) vs clericais (segundo Bédier e os neotradicionalistas que vislumbravam uma colaboração entre jograis e monges). A obra de Ramon Menendez Pidal (*La Chanson de Roland et la tradition épique des Francs*. 2ª ed. Paris: Picard, 1960) propõe origens orais como Rychner e Boutet (BOUTET, Dominique. *La chanson de geste*. Paris: PUF, [1993], 2003, p. 65), tese também ilustrada na obra de Paul Zumthor, que designa a voz como sendo o único “mass medium”. *A Letra e a Voz. A “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 286.

¹¹ Ludovico Ariosto (1474-1533) escreveu *Orlando furioso* (c. 1502, publicado em 1516), poema que associa a tradição cortês medieval com temas da Antiguidade, uma das obras de maior sucesso no Renascimento, inspirando por sua vez interpretações em diversas formas de arte: pictóricas, teatrais etc. Ver o artigo de Marília de Azambuja Ribeiro no presente volume: “O *Orlando Furioso* e genealogia mítica da Casa d’Este”.

¹² O manuscrito havia sido descoberto em 1832 pelo jovem erudito Henri Monin. A edição de Francisque está baseada em outro manuscrito, dito de Oxford. A poesia de Alfred de Vigny *Le Cor* reforçara a divulgação posterior da canção e, sem dúvida, embelezara a proposta didática.

¹³ Expressão cunhada por Georges Duby a respeito da lealdade, da fidelidade à fé jurada na sociedade feudal.

marcada por fracturas oriundas de 1789 ou dos episódios revolucionários, golpes de Estado, restaurações do século XIX, numa Terceira República que fora decidida por apenas um voto de maioria. No caso, tratava-se de uma ideologia nacional firmada para as crianças da escola primária, público alvo. Era personificada por um elenco de figuras consideradas emblemáticas do devir francês: de Vercingétorix aos generais de Napoleão, passando por São Luís e Joana d'Arc.¹⁴ Christian Amalvi, na sua obra notável sobre a construção da história oficial nestes moldes, lista as personagens escolhidas para povoar o palco da história da nação francesa. Distribuídas ao fio dos séculos, num percurso histórico de quase dois milênios, elas deviam ser inspiradoras de orgulho e espírito de sacrifício. Pois o modelo proposto seria tão mais eficiente nos termos da cidadania construída no horizonte da “*linha azul dos Vosges*”,¹⁵ que a dedicação à pátria comportava riscos e requeria abnegação, até mesmo da própria existência.

Tal era o programa, por assim dizer, dos inventores da história oficial republicana francesa do final do século XIX. O projeto de um Museu da História da França, promovido pela administração atual,¹⁶ obedece à mesma lógica. Para responder a desafios postos à identidade francesa por comunidades culturais novas, os quadros do Estado francês revelam assim, paradoxalmente, o sucesso duradouro – apesar dos protestos de historiadores e professores de história – de visões simplistas construídas no advento da Terceira República.

Neste contexto, um episódio histórico menor e mal conhecido seria “*transformado em alguns anos em mito nacional*”. Amalfi interroga-se sobre as razões desta “*sacralização de Rolando*”,¹⁷ que afetou o ensino primário e secundário até época muito recente. Embora a proposta de V. Duruy, em 1867, tenha tornado o ensino da História obrigatório desde a escola primária, A *Canção de Rolando* permaneceu sem visibilidade durante o Segundo Império (1852-1870). No entanto, sob a Terceira República, esta figura mítica, ou quase, fez sua aparição precisamente no ensino da História, antes mesmo de ser-lo como peça literária, o que ocorrerá apenas em 1880.

A insistência dos eruditos em introduzir uma obra bastante difícil no ensino primário tinha motivações patrióticas.¹⁸ Até mesmo aqueles estudantes

¹⁴ AMALVI, Christian. *De l'art et de la manière d'accomoder les héros de l'histoire de France*. Paris: Albin Michel, 1988, p. 91.

¹⁵ Num tempo em que o ideal da revanche contra a Alemanha, vencedora em Sedan, instalava a saudade das duas províncias perdidas – a Alsácia e a Lorena – no coração dos pequenos cidadãos franceses de todas as regiões, a imagem paisagística deste massivo montanhoso, os Vosges, então fronteiro, divulgava sinteticamente um programa político-militar, resolvido apenas pela vitória de novembro de 1918.

¹⁶ O presidente Sarkozy a descreveu como “*uma iniciativa que reforça também a nossa identidade, a identidade cultural.*”

¹⁷ AMALVI, Christian. *De l'art et de la manière d'accomoder les héros de l'histoire de France*. Op. cit., p. 92.

¹⁸ Idem, p. 97.

oriundos do império colonial francês que, à época, abrangia territórios africanos, asiáticos e mesmo americanos, eram atingidos. Pois o esforço em criar uma linhagem comum dentro do próprio hexágono,¹⁹ entre falantes de diversos idiomas – bretão, língua de oc, basco etc. – representava uma necessidade de consolidação da identidade nacional fundamentada na história, ao mesmo tempo em que afirmava as ambições imperiais francesas: os manuais começavam – para todos – com a frase hoje tornada símbolo do fenômeno de dominação cultural: “*Nossos ancestrais os gauleses...*”

O *Ciclo da Cana-de-Açúcar* de José Lins do Rego, familiar ao leitor brasileiro, é composto pelos romances: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936). Após outras obras sobre diversos assuntos,²⁰ o autor voltou a tratar da região canavieira com a mesma temática em *Fogo Morto* (1943), considerado por comentaristas como sua obra prima, rivalizando com *Menino de Engenho*, sem dúvida, o melhor distribuído de seus livros.

O autor ilustra com detalhes sua visão da civilização do açúcar. O caso é notável, entre outras razões, porque ele colocou a sede do fenômeno civilizacional no campo em vez da cidade, costumeiro lugar de reverência.²¹ Mas em Pernambuco, e mais geralmente no Nordeste, como na Inglaterra em via de industrialização, por exemplo, é o domínio rural, o engenho, no caso, com sua casa-grande, que constitui o lugar eminente e seminal em termos, não apenas econômicos, mas também culturais, simbólicos.

Associado com seu consentimento ao movimento regionalista, José Lins do Rego é um escritor amplamente divulgado no âmbito escolar. Seus romances figuram com exemplar longevidade entre os raros livros que os alunos do ensino médio devem ler: *Menino de Engenho*, *Ricardo* ou *Doidinho*, sobretudo. *Banguê*, *Fogo Morto* e *Usina* são também obras explicitamente referenciadas ou aludidas com bastante frequência na imprensa ou até mesmo em documentos oficiais, sem falar do mundo acadêmico.²²

¹⁹ Jean Chesneaux observa: “[Q]uase sempre, a história do ensino funciona na França como um discurso diacrônico. Das escolas de Alcuíno aos colégios dos jesuítas da idade clássica, dos estudantes medievais sentados em montes de feno aos liceus napoleônicos e às escolas de Jules Ferry, a evolução das instituições e práticas educativas é apresentada como uma construção progressista e harmoniosa à qual cada século acrescentaria sua pedra.”. “Les instituteurs-bistrots et leur liquidation”. In: CHESNEAUX, Jean. *L’engagement des intellectuels 1944-2004. Itinéraire d’un historien franc-tireur*. Toulouse: Privat, 2004, p. 254.

²⁰ *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939), *Água Mãe* (1941).

²¹ Reforçada pela etimologia: de *civis* e *civitas*, donde também ‘cidade’, ‘cidadino’ e ‘cidadão’.

²² “José Lins do Rego criador de um arquetipo”. In: DABAT, Christine Rufino. *Moradores de Engenho. Estudo sobre as relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco, segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007, pp. 135-192.

Como a canção medieval, o efeito eventual da leitura do *Ciclo da Cana-de-Açúcar* (ou de parte dele) não se limita a incentivar um melhor domínio da língua nacional. Pois, nestes romances, há um recado de ordem histórica. Com efeito, a temática mais repetida na obra é aquela da identidade de destino de todos os componentes da sociedade na região, sobretudo na zona canavieira, palco principal dos roteiros. Estes defendem direta e indiretamente a idéia que o advento da usina foi uma catástrofe para toda a sociedade nordestina, inclusive para os trabalhadores. Ou seja, ela promove uma visão única da história regional.

Muito pouco parece permitir a associação de duas obras tão diversas. A grade de leitura proposta aqui tenta traçar paralelos por meio de seis cortes analíticos: enquanto obras possuindo qualidades literárias; enquanto retratos de uma memória coletiva construída; onde os vencidos são exaltados; por roteiros inseridos na história, embora se tome muita liberdade com os fatos; com evidente propósito político na sua ampla divulgação.

Qualidades literárias propícias à grande divulgação

De acordo com os manuais que apresentam as traduções modernas da obra medieval, a *Canção de Rolando* constitui um dos “*primeiros monumentos de nossa literatura*”,²³ um “*poema incomparável*”. Segundo Léon Gautier:²⁴

“[e]ste povo pode condensar num poema superior a todos os demais, toda a beleza viril de sua poesia épica. Ele possui esta espécie de *Ilíada*, cuja forma é menos perfeita do que aquela de Homero, mas cujo pensamento é mais elevado.”²⁵

A própria estrutura da obra é valorizada pelos comentaristas. Sem medo do anacronismo, evocam conceitos antecipados para justificar-lhe a inserção nos programas escolares: assim, o plano geral “*anuncia a qualidade de nossas grandes obras, a clareza e a lógica*”,²⁶ traços cardeais do ideal iluminista que os franceses gostam de cultivar. Pouco tinha a ver com aqueles dos ouvintes/leitores aos quais a canção estava destinada originalmente. Assim, explicações complementares são imprescindíveis para recuperar-lhe alguma utilidade na perspectiva didática nova.

”Às vezes, reclamou se-lhe a forma pouco refinada, sem flexibilidade, uma sintaxe simples, sem variedade, com frases curtas que se sucedem na monotonia das subordinadas todas construídas num mesmo modelo; mas esta língua é precisamente a que convinha; sua energia, sua simplicidade acordam-se com a matéria tratada; é a língua de rapazes que não se preocupam com rebuscamento, com refinamento, é a língua de homens de ação.”²⁷

²³ PAUPHILET, Albert. “Notice. La Chanson de Roland”. Op. cit., p. 11.

²⁴ A consagração da *Canção de Rolando* deveu-se a uma boa edição da obra em francês moderno elaborada por Léon Gautier em 1880.

²⁵ Apud AMALVI, C. *De l’art et de la manière d’accomoder les héros de l’histoire de France*. Op. cit., p. 99.

²⁶ CORDIER, André. “Notice”. In: *Chanson de Roland* (extraits). Paris: Larousse, 1935, p. 6.

²⁷ Idem, pp. 13-14.

Os personagens principais são salvos de um temível esquematismo em virtude da “*psicologia bastante nuançada para que não pareçam ser atores disfarçados de uma vez por todas*”.²⁸ Pauphilet ilustra esta afirmativa com as emoções pelas quais passa uma figura central, o traidor Ganelão, descrito como confuso, hesitante, cheio de ressentimento e por fim de medo. Da mesma forma, os comentaristas elogiam a descrição sumária dos lugares, sendo evocadas “*as paisagens de um traço rápido e esquemático*”.²⁹ Valorizado é o fato de que o autor da canção transforma tudo em espetáculo, sobretudo as batalhas.

Na construção literária, como na sociedade carolíngia hierarquizada ao extremo, Carlos Magno é o personagem que “*anima e domina o conjunto*”.³⁰ Neste sentido, ele pode ser aproximado da figura, onipresente na obra de José Lins do Rego, do senhor de engenho, cujo exemplo mais próximo do autor era seu avô. Ele projetava redigir sua biografia quando empreendeu o *Ciclo da Cana-de-Açúcar*.

Na melhor tradição da crítica a respeito da obra de José Lins do Rego, o prólogo de Ivo Ledo, “*A pátria da imaginação*”, descreve o estudo como “*um monumento [da nossa literatura] que é também um desdobrado local da vida social e homem do Brasil e do seu e nosso Nordeste*”.³¹ Mário de Andrade já havia valorizado a qualidade ambígua da obra, entre o relato autobiográfico e o romance.

As propriedades literárias são destacadas, inclusive as inúmeras repetições, como na *Canção*, pois a “*repetição é considerada pelos etnólogos como uma característica constante, embora não exclusiva, da poesia oral (...) magia por meio de encantação*”.³² Assim, habitualmente considerada negativamente, ela se converte traço feliz. Pois, em ambas obras, a repetição³³ tem um papel de confirmação, constituindo um processo de “*conseqüente saturação de conteúdo*”.³⁴ O vocabulário específico acentua o efeito ‘couleur locale’, além de enfatizar o sentido dado à narrativa: olifante emudecido na *Canção*, fogo da fornalha apagado no *Ciclo da Cana-de-Açúcar*, ambos “*mortos*”. O luto frente à modernização da atividade industrial constitui-se no

²⁸ PAUPHILET, Albert. “Notice. La Chanson de Roland”. Op. cit., p. 13-14.

²⁹ Idem, p. 15.

³⁰ Idem, p. 14.

³¹ LEDO, Ivo. “A pátria da imaginação”. In: TRIGO, Luciano. *Engenho e Memória. O Nordeste do Açúcar na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002, p. 12.

³² BOUTET, Dominique. *La chanson de geste*. Op. cit., p. 102.

³³ “O defeito da repetição tem sido o mais acentuado do estilo de Lins do Rego. (...) É assombroso de audácia (ou de fatalidade...) como ele repete tudo neste livro! Repete situações, repete personagens, repete fatos. E enfim, repetindo o processo construtivo de todos os seus livros, repete análises psicológicas e repete idéias e repete imagens, tudo!” ANDRADE, Mário de. “Fogo morto”. In: REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1943] (40 ed.) 1992, p. xxv.

³⁴ Idem, p. xlviii.

eixo central, como a morte de Rolando e seu amigo Olivier no roteiro da canção. O forte teor simbólico da linguagem – a espada de Rolando tem nome, Durandal; a bagaceira é “mãe” em José Lins do Rego etc. – se conjuga a conotações que essa nomenclatura veicula. Estudos lingüísticos específicos foram conduzidos, como o foi o repertório de vocábulos de origem africana em José Lins do Rego.³⁵

Ambas obras literárias foram muito premiadas, usadas como referência e divulgadas por terem sido erguidas ao estatuto de modelo, arquétipo artístico representando com autenticidade algo de específico à ‘alma’ do território que lhes serve de âmbito referencial: a *Doulce France* ou a Zona da Mata.

‘Memória coletiva’

Com efeito, na *Canção de Rolando* reconhece-se algo que viria a ser consciência nacional. Ela entra no elenco dos meios adotados pelas autoridades, em particular Ernest Lavisse, “o grande sacerdote, o grande organizador de uma monumental História da França”,³⁶ com o propósito de “reconciliar os franceses com o seu passado mais distante, devolver-lhes raízes profundas para que eles entendam que a fronteira não é interna, mas externa”.³⁷ As edições destinadas aos estudantes ressalvam: “Não é apenas a poesia francesa que nasce com este poema. É a própria França.”³⁸ Expressões similares seriam retomadas por diversos meios, inclusive a canção popular do século XX. Assim, foi cunhada a já mencionada expressão ‘doce França’. “Este amor pela ‘doce França’ é uma das primeiras manifestações de patriotismo”,³⁹ segundo um dos manuais de literatura mais tradicionais, o famoso Lagarde & Michard, que formou gerações de franceses. Ele continua, afirmando que esta obra também constitui um elemento primordial para a “honra nacional”,⁴⁰ o que não deixa de ser uma ousadia, pensando na tardia constituição desta ‘nação’, séculos mais tarde, mesmo admitindo seus primórdios na monarquia feudal da baixa Idade Média.

Como o ressalva a introdução de Ian Short à *Canção de Rolando*, “[e]xistem textos que são nosso tesouro, a nós todos, tanto os heróis quanto os lugares que eles evocam nos são familiares: quem não tem em memória, o valente Rolando em Roncesvales, o imperioso Carlos Magno com sua barba

³⁵ CUNHA-HENCKEL, Rosa. *Tráfego de palavras. Africanismos de origem banto na obra de José Lins do Rego*. Recife: Massangana, 2005.

³⁶ DOSSE, François. *A história à prova do tempo. Da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: UNESP, 2001, p. 17-18.

³⁷ Idem, p. 17.

³⁸ Petit de Julleville. Préface d’une édition pour la jeunesse. Apud AMALVI, Christian. *De l’art et de la manière d’accomoder les héros de l’histoire de France*. Op. cit., p. 98.

³⁹ LAGARDE et MICHARD. *Moyen Age. Les grands auteurs français du programme*. Paris : Bordas, 1963, p. 6.

⁴⁰ Ibidem.

florida, o traidor.”⁴¹ O analista continua afirmando que é “*próprio dos maiores clássicos nutrir até no cotidiano, nossa imaginação*”,⁴² concluindo que se impõem na cultura universal. Ressalva também o quanto o próprio gênero da epopéia “*serve para veicular um idealismo mais ou menos nacional e para fixá-lo na memória histórica coletiva.*”⁴³

Esta dimensão afirmada como universal é a mesma temática retomada pelos comentaristas da obra de José Lins do Rego. Embora não se possa aplicar o termo de ‘epopéia’ ao *Ciclo da Cana-de-Açúcar*, geralmente designado como ‘saga’, a ambas obras é reconhecida a capacidade de “*satisfazer a sede de sonho que é aquela de cada um, bem como de valorizar a comunidade na duração e na continuidade de sua história*”.⁴⁴ Apesar de escalas de tempo muito diferentes, valorizou-se as obras pela “[c]elebração dos valores ressentidos e percebidos como duráveis”.⁴⁵

Pois é assim que o *Ciclo da Cana-de-Açúcar* é apresentado repetidamente: “*umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos*”, segundo o próprio autor.⁴⁶ O historiador Durval Muniz resume:

“Compreender a ‘alma de sua terra’, descobrir sua identidade também era a preocupação de José Lins do Rego. Para ele, organizar a memória pessoal era organizar a própria memória regional, já que esta era esse recorte espacial que nascia da empatia; uma maneira de ser, ver, sentir, falar que se expressava através de seu povo.”⁴⁷

Ele realça também as modalidades de difusão e penetração deste ideário:

“Essas figuras, signos, temas que são destacados para preencher a imagem da região, impõem-se como verdades pela repetição, tornam-se familiares não apenas por serem vivenciadas, mas por serem ditas, lidas, ouvidas, vistas etc., e esta repetição vai lhe dando consistência interna e faz com que tal arquivo de imagens e textos possa ser agenciado e vir a compor discursos que partem de paradigmas teóricos os mais diferenciados.”⁴⁸

Como a *Canção de Rolando*, o *Ciclo da Cana-de-Açúcar* teve um papel ampliado ao abastecer o ideário regional. Foi publicado na mesma época que *Casa-Grande e Senzala*, provocando um efeito cumulativo pela concomitância

⁴¹ SHORT, Ian. “Introduction”. In: *La Chanson de Roland*. Paris: Librairie Générale, 1990, p. 15.

⁴² Ibidem.

⁴³ Idem, p. 6.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: [Adersen Ed. 1932] José Olympio (8ª ed.) 1965. A versão filmada reuniu nomes eminentes no mundo da Arte brasileira: Glauber Rocha (produtor), Walter Lima Jr (diretor) e Villa-Lobos (música).

⁴⁷ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *O engenho antimoderno*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1994, p. 133.

⁴⁸ Idem, pp. 93-94.

destas obras definidoras da identidade regional, a versão ‘sociológica’ construída por Gilberto Freyre para a Zona da Mata dialogando com a ‘romanceada’ de José Lins do Rego. Ambas contribuem para a elaboração de uma suposta ‘memória coletiva’ adotada pela história oficial.

Central é a posição histórica de declínio (relativo, isto é, apenas em relação a seus primos usineiros) dos senhores de engenho, figuras arquetípicas fundamentais no *Ciclo da Cana-de-Açúcar*. Passando à condição de simples fornecedores de matéria prima, eles se consideravam perdedores na modernização da atividade açucareira via processo usineiro. Prolíferas, suas famílias contaram muitos membros em cargos administrativos ou outros na máquina do Estado. É nesta posição que promoveram sua própria visão da história, enquanto classe, ao incluir o elogio de sua posição perdida, atribuindo ao passado cores sedutoras. Todos os elementos que, segundo José Lins do Rego, singularizavam a sociedade das casas grandes, tornaram-se referências enobrecidas para os alunos-leitores. Do Sertão à capital, *Menino de Engenho* ou *Moleque Ricardo* significaram o passado comum.

Da mesma forma, o séquito de Carlos Magno – retaguarda na situação descrita – do imperador do Ocidente, com seus valentes parentes e vassalos, vetores de sentimentos nobres de lealdade e coragem, permanecem como referência evocada reiteradamente, inclusive na construção atual da Comunidade européia.

Por serem consideradas exemplares, canção ou romances, essas obras literárias justificam sua posição como leitura obrigatória nas escolas. Todos absorvem as mensagens aí formuladas como parte inquestionável da estrutura da identidade regional/nacional.

Vencidos exaltados

Aspecto aparentemente surpreendente, as duas obras exaltam vencidos, em vez de vencedores, como é normalmente o caso para a literatura proposta à juventude como modelo. Rolando foi derrotado e morto na emboscada de Roncesvales, embora na época da divulgação da canção enfatize-se que “*não fora vencido; pois viu [os sarracenos] fugir, e conservou sua espada.*”⁴⁹ Seu mérito não é diminuído. Ao contrário, a situação promove o modelo do herói, “*morrendo pela pátria*”, de utilidade reiteradamente comprovada no decorrer do século seguindo sua introdução nos programas escolares.⁵⁰ Da mesma

⁴⁹ *La Chanson de Roland*. Nova tradução com introdução e notas de Adolphe Avril. Paris: Benjamin Duprat, 1865, p. XXX. Versão digitalizada acessada em 09.09.09. <http://books.google.fr/books?id=bBgVAAAAMAAJ&printsec=frontcover&dq=%22chanson+de+Roland%22&lr=#v=onepage&q=&f=false>

⁵⁰ Philippe Contamine sublinha que o Général Boulanger presidia a comissão da educação militar no Ministério da Instrução Pública, em 1893. CONTAMINE, Philippe. “Mourir pour la patrie”. In: NORA, Philippe. (Dir.) *Les lieux de mémoire*. Vol. 2 *La Nation*. Paris: Gallimard, [1984] Quarto 1997, p. 1693.

forma, os senhores de engenho ‘derrotados’ pelos usineiros, perdendo sua posição hegemônica, permanecem um referencial honrado, sua dominação passada representando um tempo benéfico para todos.

Em ambos os casos, tal desenlace negativo não constitui razão de uma depreciação dos ‘vencidos’, porque foram vítimas, de algum modo, de uma traição, explícita no caso da canção medieval e implícita no caso dos parentes de José Lins do Rego. Em ambos os casos, os heróis sofreram uma grande injustiça. A perspectiva é positiva, mais definida no caso francês, na medida em que a “*revanche*” – a de Carlos Magno vingando não apenas Rolando, mas a própria França depois de Sedan – é “*a expressão de uma França eterna que triunfa sempre de suas infelicidades*”. A obra denota “*uma consciência da unidade nacional que nenhum outro povo possuía então (...) e que fundou a França moderna*”.⁵¹ Da mesma forma, a usina, cataclismo que é apresentado como alienígena, teria afetado todas as classes na Zona da Mata. Assim, no *Ciclo da Cana-de-Açúcar*, as personagens de maior destaque, cujas emoções são mais cuidadosamente apresentadas, são os perdedores, *ci-devant* senhores de engenho,⁵² supostos corporificar o conjunto da sociedade.

Valores morais representam outra dimensão em que ambas obras funcionam de maneira paralela. Eternizando-os,⁵³ segundo os analistas, a *Canção de Rolando* é um “*nobre drama moral*”.⁵⁴ A ala católica valorizara particularmente a dimensão religiosa “*Carlos Magno defensor da fé contra o Islão, conseguirá a conquista religiosa da Espanha, ou abandonará? Será que o verdadeiro Deus será vencido por Maomé?*”⁵⁵ Eis o verdadeiro tema da canção no seu propósito original. Mas, na época contemporânea, outra leitura, laica vigorou ignorando o lado religioso. Num clima político marcado pelo anti-clericalismo dos radicais-socialistas, ela foi até mesmo censurada⁵⁶ nos aspectos mais religiosos, milagrosos.

Sem dimensão épica similar, o *Ciclo da Cana-de-Açúcar* abriga, no entanto, valores morais a serem inculcados aos alunos-leitores. A dimensão religiosa é surpreendentemente discreta. Aspectos singulares na sua eficiência do ponto de vista da História promovem a confraternização das classes, inclusive antagônicas. Tanto as próprias obras quanto os comentaristas enfatizam sem cessar a suposta qualidade humana das relações entre patrões e

⁵¹ PARIS, Gaston. “Préface”. In: *Extraits de la Chanson de Roland*. Paris:1888. Apud. CORDIER, André. “Notice”. Op. cit., p.106.

⁵² Raros são aqueles que reivindicam o termo para si, mesmo informalmente.

⁵³ AMALVI, Christian. *De l’art et de la manière d’accomoder les héros de l’histoire de France*. Op. cit., p. 102.

⁵⁴ PAUPHILET, Albert. “Notice. La Chanson de Roland”. In: PAUPHILET, Albert, Ed., *Poètes et romanciers du Moyen Age*. Op. cit., p. 13.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ AMALVI, Christian. *De l’art et de la manière d’accomoder les héros de l’histoire de France*. Op. cit., p. 103.

empregados. Assim, segundo esta versão da história, no tempo dos bangüês,⁵⁷ os empregados do engenho, particularmente os rurais, teriam sido tratados com humanidade, cuidados e até carinho pelo senhor de engenho, como o comprovam laços de parentesco cerimonial entre a família do empregador e do trabalhador. Em paralelo à visão edulcorada da escravidão freyriana, a violência patronal teria sido excepcional; a comida farta. Se não se pode negar a miséria dos cortadores de cana, tornada proverbial e usada como argumento, ela seria de cunho ambiental, ou então por falta de subsídios governamentais.

Esta visão ocultando os aspectos mais conflitivos da extrema polarização social, herdeira de quatro séculos escravistas, propõe um roteiro oficial que constroi a identidade regional. A questão de classe é igualmente ignorada na *Canção* na época de sua promoção. Este silêncio reforça o fim ou efeito identitário, apagando antagonismos no corpo social cuja homogeneidade se pretende promover. Neste sentido, as duas obras funcionam na construção de uma univocidade territorial, somam aprovações de tendências opostas do espectro político. A *Canção de Rolando* foi defendida por republicanos e monarquistas. O *Ciclo da Cana-de-Açúcar* valorizado como tesouro literário coletivo.

Fidelidade aos fatos: uma questão relativa

Obras literárias poderiam dispensar a exigência de fidelidade aos fatos. A *Canção de Rolando* é reconhecidamente uma “*maravilhosa edificação de ficções*”.⁵⁸ Os Anais reais sobre 778 não mencionam propriamente a batalha descrita com detalhes na gesta. A *Vita Caroli*, biografia oficial, bastante posterior (por volta de 830) de Carlos Magno, escrita por Einhard, capelão da família imperial, comporta apenas uma seca anotação. Após ter valorizado uma suposta campanha sem revés na Espanha, “*no caminho de volta através dos Pirineus, ele teve razão de lamentar a perfídia dos Bascos*.”⁵⁹ Entre os mortos ilustres, Hruodlandus, governador da Marcha de Bretanha. Ou seja, Rolando não era sobrinho do (futuro) imperador e a emboscada do dia 15 de agosto, não foi fruto da traição de um cristão a serviço de quaisquer islâmicos, mas a obra de montanhese bascos.

Entre poucos aspectos detalhados, o autor descreve uma “*região bem adaptada para emboscadas em virtude das espessas florestas que a cobrem. E*

⁵⁷ Cuja longevidade foi atestada até os anos 1940-50. GUIMARÃES NETO, Leonardo. *Introdução à Formação Econômica do Nordeste*. Recife: Massangana, 1989.

⁵⁸ PAUPHILET, Albert. “Notice”. Op. cit., p. 12.

⁵⁹ EINHARD. *The Life of Charlemagne*. Tradutor Samuel Epes Turner. New York: Harper & Brothers, 1880. Em 1960, a Editora da Universidade do Michigan imprimiu novamente esta tradução, com direitos para Sidney Painter. Este texto faz parte do Internet Medieval Source Book, uma coleção de textos do domínio público ou gozando de permissão para copiar, que estão relacionados à história medieval e bizantina. (c) Paul Halsall August 1996 halsall@murray.fordham.edu.

o exército marchava numa longa fila exigida pela estreiteza da estrada”.⁶⁰ Talvez informado por narrativas de membros do exército, ele fornece precisões sobre a velocidade com a qual os atacantes “*dispersaram-se em todas as direções aproveitando a chegada da noite*”.⁶¹ Ademais, oferece desculpas pela derrota que remetem a técnicas bélicas, e não ao valor dos combatentes. “*A leveza de sua armadura e natureza do campo de batalha avantajou os bascos nesta ocasião, enquanto que os francos lutaram com desvantagem em todos os aspectos por conta do peso de suas armaduras e do caráter acidentado do terreno.*”⁶²

Mas, na época de redação da obra literária, no início da era cruzadística, os eventos foram convertidos para satisfazer os propósitos políticos predominantes da superpotência⁶³ da época, isto é a igreja gregoriana, susserana dos demais príncipes ocidentais. O inimigo designado é o Islã contra o qual a cristandade latina está convidada a se mobilizar. Ou seja, a obra toma uma grande “*liberdade para com os fatos*”.⁶⁴

Para manter a audiência entretida e convencê-la da conexão com o além, o maravilhoso está presente. Assim, o sol é parado por Deus para permitir a vitória de revanche do imperador. Rolando, associado pelos laços do sangue à dinastia carolíngia usurpadora do trono franco na geração anterior, adquire assim uma importância que nunca teve na história. Embora estruturante, a relação com o Islã é complexa.⁶⁵ O revés sofrido pelo rei dos francos tende a ser minimizado pela importância do exército islâmico. Ou seja, só há debate sobre a natureza da batalha, “*todo o resto é evidentemente pura ficção.*”⁶⁶

No *Ciclo da Cana-de-Açúcar*, a mistura de construção romanceada ganha força pela base tida como realista. Segundo Olívio Montenegro, eis uma das marcas do romance brasileiro do século XX: “*um realismo insaciável.*”⁶⁷ Assim, a obra literária, encenando personagens fictícios, é também afirmada e entendida como fiel retrato da realidade, garantindo sua autenticidade. No

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Ibidem.

⁶² Ibidem.

⁶³ Termo utilizado por Karen Armstrong a propósito do papel da monarquia papal para as cruzadas.

⁶⁴ Michel Zink apud SHORT, Ian. “Introduction”. *La Chanson de Roland*. Op. cit., p. 8.

⁶⁵ Carlos Magno organizara a expedição a pedido do governador de Saragoça, Sulayman Ben Al-Arabi, contra o emir omíada de Córdoba. A reviravolta de Ben Al-Arabi fechara a cidade frente ao rei dos francos (ainda não imperador) que o detém. O filho deste junto com aliados bascos ataca a retaguarda do exército e o resgatam. Em troca, os montanhese têm a liberdade de pilhar a bagagem. Halphen sublinha que a expedição “*foi um fracasso completo e (...) terminou em desastre*”. HALPHEN, Louis, *Charlemagne et l’Empire Carolingien*. Post face de Pierre Riché. Paris : Albin Michel, 1995, p. 83.

⁶⁶ Michel Zink apud SHORT, Ian. “Introduction”. *La Chanson de Roland*. Op. cit., p. 9.

⁶⁷ MONTENEGRO, Olívio. *O Romance Brasileiro*. Recife: FUNDARPE, 1996, p. 138.

Ciclo, o autor também é testemunho, ator. Ademais, ele se arvora da inocência de observações feitas por uma criança. Reivindicado, inclusive na autobiografia oficial,⁶⁸ posterior por um decênio ao último livro do *Ciclo da Cana-de-Açúcar*, este traço nuança a essência supostamente ficcional da obra. Repetidamente ela é qualificada de “*documento sociológico*.”⁶⁹ Gilberto Freyre com a autoridade de sociólogo, valoriza “*seu tom de reportagem social e quase sociológica; a sua qualidade de documentos; as evidências que reuniu da vida esmagada, machucada, deformada por influências de natureza principalmente econômica; os transbordamentos políticos*.”⁷⁰ José Aderaldo de Castello sublinhara seu “*grande interesse social regionalista*”.⁷¹ Mais recentemente, Luciano Trigo não hesita em retomar à mesma idéia: “*Nos romances do açúcar, José Lins do Rego namora o ensaio, a investigação social, o inquérito social*”.⁷² Justifica, portanto, que esta visão, refletindo enfaticamente uma posição de classe, tenha se tornado senso comum. Um *fatum* comum envolveria os próprios trabalhadores junto com a classe dominante. A fraternidade entre as classes não se desmentiria na decadência. O mito, negando, senão a miséria, pelo menos a violência e opressão patronais, além da exploração dos trabalhadores, continua a ser propagado, como recentes produções televisuais o comprovam.

Propósito político

Portanto, a função que pode aproximar as duas obras, na perspectiva aqui ensaiada, é essencialmente política, no sentido de contribuir a firmar uma história oficial de modo muito eficiente porque veiculada pela arte. No caso da *Canção de Rolando*,⁷³ trata-se da unidade nacional, num período de dificuldades. As mudanças de regime político, ao longo do século XIX, faziam da história um cimento social de âmbito nacional frente a “*um mundo*

⁶⁸ REGO, José Lins do. *Meus Verdes Anos (Memórias)*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

⁶⁹ Otto Maria Carpeaux, citado por Wilson Lousada, “Breve Notícia. Vida de José Lins do Rego”. Op. cit., p. xvi.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ CASTELLO, José Aderaldo de. “Introdução aos romances de José Lins do Rego”. In: REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Op. cit., p. xx.

⁷² TRIGO, Luciano. *Engenho e Memória. O Nordeste do Açúcar na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Topbooks Ed., 2002, p. 19.

⁷³ Em *Tableau de la France*, numa época em que a noção de fronteira natural vigorava, Michelet introduz o capítulo sobre a Idade Média descrevendo os Pirineus: “*formidável barreira de Espanha*”, “*um muro imenso que se abaixa nas duas extremidades. Qualquer outra passagem é inacessível aos veículos e às mulas, até mesmo ao próprio homem, durante seis a oito meses por ano. Dois povos diferentes, que não são realmente nem espanhóis, nem franceses, os bascos a oeste, os catalães à leste, são os porteiros dos dois mundos. Eles abrem, e fecham: porteiros irritáveis e caprichosos, cansados da eterna passagem das nações, eles abrem para Abderame, fecham para Rolando: há muitos túmulos entre Roncesvales e a Seu d’Urgel*”. MICHELET, Jules. *Le Moyen Age. Histoire de la France*. Paris [1869]: Robert Laffont, 1981, p. 200.

fragmentado e em transformação”.⁷⁴ Ela satisfazia a busca de certezas, tanto mais necessárias que o alcance da mensagem se alargava as medidas do império colonial. Os soldados e administradores que o regiam não podiam ter dúvidas quanto a sua origem comum. A feudalidade emanava da lealdade dos vassallos ao susserano acrescida da lembrança imperial antiga e da cristandade, “força moral”.⁷⁵ “A autoridade espiritual expressa na devoção a um imperador escolhido por Deus”.⁷⁶ Para os republicanos da ala “oportunista”,⁷⁷ ao menos, este aspecto foi absolvido, a distância temporal depurando o que tal tingimento religioso e monárquico poderia ter de incômodo. A união dos cavaleiros simbolizava a força, inclusive moral, de todos os franceses frente a desafios vindos do estrangeiro. Resultava na “obra não apenas de um homem, mas de todo um povo.”⁷⁸ Michelet já havia exaltado a “unidade imperial antiga. Nada entre o imperador e seu povo. Os Rolando e Olivier (...) são apenas o povo armado”.⁷⁹

Obviamente, como o mencionou Claude Liauzu, esta operação política carrega consigo preconceitos hoje mais perceptíveis talvez, até mesmo para os habitantes da metrópole. Carlos Magno, frente a um exército de “100.000” homens, é valorizado como campeão cristão contra o Islã, genericamente. Ele carrega, portanto na sua esteira perigos associados, pois “difunde estereótipos negativos que irão constituir a base das representações da cultura cristã.”⁸⁰ Na sua notável obra *A imagem do outro. História do ocidente medieval frente ao islã*, Philippe Sénac analisa detalhadamente os componentes desta depreciação, desta “invenção completa” do adversário muçulmano. “Trata-se de afirmar a

⁷⁴ A respeito da feudalidade tanto laica quanto clerical, Pauphilet comenta: “feudalidade franca, esta espécie de juventude de um mundo que se fragmenta ao mesmo tempo em que conserva a lembrança e nostalgia da unidade que lhe conferia o poder imperial quando este dominava o Ocidente”. PAUPHILET, Albert. “Notice. La Chanson de Roland”. Op. cit., p.18

⁷⁵ CORDIER, André. “Notice”. In: *Chanson de Roland* (extraits). Paris: Larousse, 1935, p. 9.

⁷⁶ Idem, p. 10.

⁷⁷ Termo utilizado por GARCIA, Patrick. “La naissance de l’histoire contemporaine”. In: DELACROIX, C., DOSSE F. & GARCIA P. *Les courants historiques en France XIXe - XXe siècle*. Paris: Gallimard, [1999] Edition revue et augmentée, 2005, p. 125. O autor designa assim os autores para os quais sua disciplina, a história, deve ajudar a consolidar a idéia de que a “República é o regime natural da França; o único regime, porque assumindo de toda a história do país e, portanto, desprovida de qualquer espírito de vingança interior, e podendo oferecer ao país a estabilidade política.”

⁷⁸ ROEHRICH, Edouard. “Introduction”. In: *La Chanson de Roland*. Traduction nouvelle précédée d’une introduction sur l’importance de la *Chanson de Roland* pour l’éducation de la jeunesse. Paris: 1885. Apud AMALVI, Christian. *De l’art et de la manière d’accomoder les héros de l’histoire de France*. Op. cit., p. 101.

⁷⁹ MICHELET, Jules. *Histoire de France*. Apud. CORDIER, André. “Notice”. Op. cit., p. 105.

⁸⁰ LIAUZU, Claude. *Empire du mal contre Grand Satan. Treize siècles de cultures de guerre entre l’islam et l’Occident*. Paris: A. Colin, 2005, p. 96.

superioridade dos cristãos”.⁸¹ O herói da própria *Canção de Rolando* o proclama: “*Païen unt tort e chrestiens unt dreit.*”⁸²

Quanto ao *Ciclo da Cana-de-Açúcar*, publicado também numa época definidora de muitas facetas da República brasileira, inclusive na dimensão das relações entre empregados e empregadores, a afirmação de uma concepção-padrão saudosista, permitia manter ocultada a simples distinção que a legislação exprime, na CLT, por exemplo, entre classes.

Defendendo uma união regional identificada com o devir de uma agro-indústria açucareira cujo peso econômico primordial em toda a região é indiscutível, criou-se uma versão da história de todas as classes em uníssono a partir da percepção de uma fração apenas da classe dominante: a de seus parentes antigos senhores de engenho, doravante de fogo morto, reduzidos à condição de simples fornecedores de cana. José Lins do Rego criou, através de romances, a idéia de uma idade de ouro, em termos humanos, inclusive para com os mais pobres e explorados. Com o aval da “ciência”, via Gilberto Freyre, este mito atenuava a sombria e incômoda lembrança da escravidão, cuja abolição deixara por perto de um século a mão-de-obra rural num “*estatuto lacunoso*”⁸³ isto é, sem a proteção da lei (até o Estatuto do Trabalhador Rural 1963). Embora descrevendo sua miséria de maneira crua, o romancista isentava de culpa sua própria classe na memória coletiva, ao mesmo tempo em que a abastecia de argumentos na eterna reivindicação de mais recursos do tesouro.

“Incapazes de ganhar a batalha na área econômica, os senhores de engenho procuraram, entre outros meios, deslocar a luta no campo simbólico. Tratava-se de construir uma ‘má’ imagem das usinas: afirmavam que faltava aos usineiros a generosidade e magnanimidade dos verdadeiros ‘senhores do açúcar’, seus ancestrais”.⁸⁴

Assim, absolve-se de qualquer□ responsabilidade social a classe dominante. Associada ao “*argumento natural*”,⁸⁵ esta manobra ideológica funciona em benefício de todos os grandes plantadores, até mesmo dos

⁸¹ SENAC, Philippe. *L'image de l'autre. Histoire de l'Occident médiéval face à l'Islam*. Paris: Flammarion, 1983, p. 80.

⁸² Verso 1015. *La Chanson de Roland*. Paris: Librairie Générale, 1990, p. 94. [“Os pagãos estão errados, os cristãos estão certos”]. *A Canção de Rolando*. Tradução para o francês moderno, notas e comentário de Pierre Jonin. Tradução para o português de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 38.

⁸³ BIAVASCHI, Magda Barros. *O Direito do Trabalho no Brasil 1930-1942*. Op. cit., p. 179.

⁸⁴ SIGAUD, Lygia. “Des plantations aux villes: les ambiguïtés d’un choix”. GARCIA, Afrânio Raul. (Dir.). *Droit, politique, espace agraire au Brésil*. Paris: ETUDES RURALES, N° 131-132, Juillet-décembre, 1993, p. 27.

⁸⁵ DABAT, Christine Rufino. “Sucre et tropiques: une équation ‘naturelle’ justifiant un modèle social pérenne”. *Bulletin de la Société Suisse des Américanistes*, N° 69, 2005 : *Nature et cultures dans les Amériques*. (Org. Claude Auroi), Geneve, SSA, 2008, pp. 51-57.

usineiros, os supostos vilões da história segundo José Lins do Rego, que talvez por isso mesmo, não a contestaram.

Em conclusão, pode se defender que tanto na Canção de Rolando quanto no Ciclo da Cana-de-Açúcar, a literatura a respeito de fatos supostamente históricos tem um papel político e econômico distintivo. Ela constitui a oportunidade de formular um discurso dominante bem articulado e sedutor. Este é retomado amplamente, em virtude de sua difusão literária. Divulgada, essa versão da história adquiriu, ao fio dos decênios, estatuto de senso comum.

Instrumento de classe, a literatura destinada ao público das escolas consegue assim firmar propósitos de educação cívica das gerações-alvo, com materiais cuja proveniência e conteúdos não parecem imediatamente úteis. Força é constatar que ainda funcionam como ferramentas políticas a serviço das autoridades que as estipularam como leitura obrigatória. Como o constata Michel Wieviorka a desconstrução, agora em curso, desta mitologia estabelecida, é necessária, mas, em virtude de sua qualidade eminentemente política, não é monopólio dos historiadores:

“Quando estava na escola, ensinaram-me que Rolando estava na retaguarda de Carlos Magno e que, em Roncesvales, foi morto por maldosos árabes. Era assim que aprendíamos na escola. Um dia, fui ao País Basco, do lado espanhol, e vi lá uma placa comemorando a vitória dos bascos sobre as tropas de Carlos Magno. Não espero que a comunidade basca diga: ‘Eis nossa verdade’, e que a comunidade árabe diga: ‘Eis a nossa’. Não é essa a questão. (...) Espera-se que os historiadores decidam. O problema é talvez que eles não tenham muito peso nisso, e em alguns debates, nos últimos anos viu-se por demais os políticos decidirem.”⁸⁶

⁸⁶ *Du Grain à Moudre* 16.02.09 Julie Clarini & Brice Couturier
<http://www.radiofrance.fr/chaines/france-culture2/emissions/grain/> Acessado em 16.02.09.